

## Do mito do insucesso

*«Os médicos não se contentam de modo algum em ter a doença sob controlo, tornam a saúde doente para terem a certeza de que não se pode em nenhuma altura escapar (à) sua autoridade.» Montaigne, Ensaios.*

Se vos dizem que a criança falha em matemática *porque* tem «perturbações» do espaço, não acreditem nisso; se é, pelo contrário, suposto que sofre de «perturbações» do tempo, não percam o vosso a tentar compreender, a não ser que seja à letra, o que isso quer dizer. Os nossos tempos perturbados produziram efectivamente, além dos inconvenientes já citados, e que têm uma propensão natural para se adicionarem em «perturbações espacio-temporais», perturbações do processo de aprendizagem, perturbações das funções cognitivas, etc..

Sem esquecer as perturbações, entre todos, famosas para o tema que abordamos, do «lógico-matemático».

De tal modo que se colocássemos um dia à disposição do «grande público» um dicionário das perturbações matemáticas semelhante aos dicionários médicos, é muito provável que, por se ter uma vez enganado de lado, ter respondido doze em vez de treze, recusado ad-

mitir que por dois pontos passa apenas uma recta ou que zero é um número, qualquer criança poderia ficar imediatamente sob «diagnóstico», que teria pelo menos a vantagem de ser estabelecido em família. Assim a sua dispraxia, discronia ou disgnosia<sup>1</sup> poderiam, logo que reveladas, ser atribuídos a taras familiares conhecidas: vergonhosas (pais ou colaterais que vegetam) ou gloriosas (pais ou colaterais que tiveram um admirável êxito mesmo sem matemáticas).

Ora, não existem perturbações matemáticas. Só existem crianças perturbadas. O que se compreende facilmente quando se vê para que aventuras são geralmente arrastados pelo insucesso escolar e particularmente pelo insucesso em matemáticas. De balanço em teste e de teste em *dossier*, de *dossier* escolar em *dossier* psico-escolar, de *dossier* psico-escolar em consulta de psicologia, e de consulta em reeducação, o caminho é balizado por provas, contra-provas, diagnósticos e contradiagnósticos convergentes ou contraditórios, que têm, contudo, em comum um soberbo contra-senso: explicar o insucesso pela sua justificação.

Pois, o que é que poderá ser um «disfuncionamento» matemático? Ele supõe, e sobretudo pressupõe, a definição de uma saúde, de uma normalidade no exercício do cálculo, da álgebra ou da geometria, *diferentes* das que poderiam ser requeridas pelo exercício da gramática, do francês ou da geografia. Daí a necessidade de disposições *particulares* para um tal exercício. Em resumo, e para falar claro, pressupõe pura e simplesmente a «bossa das matemáticas».

Conceito grosseiro, dir-me-ão! E tão ultrapassado!

Temos de pensar que não, pois para falar apenas dela, a abundante literatura suscitada pela querela pode ler-se tanto em torno do tema das matemáticas modernas como em torno do da bossa, que nunca foi tão falada como desde que nos querem fazer acreditar que nunca existiu.

«Acabar com a *bossa*» titulava, ainda muito recentemente, um grande jornal diário da tarde.<sup>2</sup> Acabar com a bossa, de acordo.

1 Do grego *dus*: mal, dor, incómodo; *praxis*: movimento; *chronos*: tempo; *gnôsis*: conhecimento.

2 *Le Monde*, 20 de Janeiro de 1972.

Mas como o fazer, quando o próprio *progreso* das «ciências humanas» contribui para enraizar mais do que nunca nos espíritos essa crença obscurantista?

A psicometria, para a chamar pelo seu nome, é a ciência que mede com muitos refinamentos — e felizmente, por vezes com algumas precauções — fenómenos psíquicos, quer dizer, tem por domínio «a aplicação do número e dos métodos quantitativos ao estudo das condutas e dos comportamentos, das suas motivações e das suas finalidades». (26)<sup>1</sup>

Uma aptidão para as matemáticas e, em caso de insucesso, uma inaptidão seriam, pois, quantificáveis desde que se conseguisse definir uma conduta, um comportamento matemáticos; e, se um tal comportamento existisse, as suas motivações e a sua finalidade.

O aborrecido é que um tal comportamento não existe.

Pode-se, em rigor, falar de conduta *matematizada*: quer dizer determinada por um método de que se teria previamente tido conhecimento, e no qual se teria feito treino — no sentido próprio e figurado — tendo-o praticado *conscientemente*.

Dessa conduta *matematizada*, a parte visível seria, se nos ativermos essencialmente a isso, o uso aparente de um modo de reflexão adquirido, sobre objectos matemáticos. Poder-se-ia classificar este exercício do espírito, naquilo que teria de grosseiramente apreciável nos factos, como exercício «de» lógica. Mesmo assim seria necessário assegurar que o sujeito observado estava em plena posse do método em questão, e que o exercia efectivamente sobre objectos adequados.

Medir, então, esse comportamento supõe que ele seja mensurável, quer dizer que sejam definidas sobre ele operações de medida, tais como a igualdade e a adição.

«Ora é claro que as «operações do espírito» ou mais geralmente os comportamentos, atitudes, aptidões, funções, aspectos, que são o objecto da psicometria, não correspondem a estas condições: três

1 Os números entre parênteses remetem para o índice dos títulos e artigos citados no final do volume.

Q.I. de 40 não igualam um Q.I. de 120, pois três imbecis reunidos não valem um homem inteligente»(26).

«Medir um espírito lógico» seria pois, de facto, algo como conseguir realizar pelo menos uma adição: a de todas essas hipóteses.

Aquilo que pode *ver* um observador, por mais dotado que seja, quando uma criança manipula a plasticina ou dá a sua opinião sobre níveis da água quando ela é vertida e voltada a verter em recipientes de formas diferentes, não pode permitir em caso algum *prever* o que quer que seja que possa dar conta de uma actividade matemática presente ou futura.

Não fosse por outra razão — e há outras — seria porque nem a plasticina, nem os transvasamentos, nem os recipientes são objectos matemáticos, e *por isso* algo que se preste a uma reflexão *lógica*.

Quanto muito o observador poderá medir o tempo de que precisou para comunicar através dessas questões — ele ou os adultos que o rodeiam — a sua própria visão «lógica» desses objectos não lógicos. E acabar por encontrar finalmente nas respostas da criança aquilo que espera encontrar, quer dizer, a ideia que ele próprio faz do que deveriam ser essas respostas.

É sempre surpreendente constatar nas «experiências» descritas, o modo como o observador, esperando a aparição de um fenómeno bem definido, só está sensibilizado para isso e ordena toda a sua observação *em torno* da suposta existência de um tal fenómeno.

Numa terceira prova destinada a permitir uma avaliação do seu nível «lógico-matemático» com a água e os recipientes, François criança adoptiva de dez anos e meio, vê ser-lhe proposta uma série de «divisões do líquido em dois, depois em quatro, depois em seis pequenas recipientes. (...) *Finalmente* consegue afirmar que «É parecido, mas muito mais, pareceu-nos, pelo *efeito perceptivo do número de recipientes* que a um verdadeiro movimento de *compensação lógica* de diminuição da quantidade em função do aumento do número de recipientes» (17).

O que é que tudo isto quer afinal dizer?

Em que é que o «efeito perceptivo do número de recipientes» dá um número de recipientes diferente daquele «cujo aumento» provocaria o «verdadeiro movimento de compensação lógica»?

E o que é um «movimento de compensação lógica»? Sobretudo se for verdadeiro? Terá a sua sede no coração ou na alma? E são todas essas gotas de água que *devem* fazê-lo transbordar?

E que quer dizer esse «é semelhante» para uma criança acerca da qual se observa *depois*, «que não conhece o significado do termo «tanto», aquisição feita habitualmente no curso preparatório» (17)?

O que me interessa, a mim, é esse «finalmente» que é muitas vezes o sinal de uma rendição, de uma transacção destinada a obter a paz. A Francine, dezasseis anos, que me dizia ter, durante horas inteiras, feito desenhos com raiva, no consultório de uma senhora psicóloga, perguntei: «Mas por que é que aceitaste desenhar, se dizes que tens horror a fazê-lo? — Bem, porque se não fosse assim tinha de falar, e tudo aquilo que tinha vontade de dizer, era merda, merda, merda! Por isso, era melhor desenhar.»

Comunicaram-me o «diagnóstico» sobre as dificuldades em matemática de Francine, obtido através destes desenhos. Ela devia ter perturbações do espaço e da personalidade que a impediam de *ver* em geometria e de *abstrair* em álgebra.

Perturbações mortas. Sem dúvida de despeito, pois as ignoramos totalmente.

Em contrapartida, uma raiva persistente contra os cortadores em rodela de acontecimentos míticos, e em relação às matemáticas. Ela fê-las «comigo», mas de facto porque eu «era simpática». Nunca consegui fazê-la ultrapassar o estádio de constrangimento, aceite «comigo», mas sempre pronto a ser revivido num violento sentimento de injustiça como o efeito de um aparelho gigantesco destinado a efectuar, sobre a sua *pessoa*, juízos absolutos através de provas irrisórias.

François é interrogado sobre os níveis de água e as quantidades de líquido, sem que se saiba verdadeiramente o que é que entende por mais, menos, ou tanto, já que, *após* as conclusões estabelecidas pelas observações, depois da primeira sessão de «tratamento», «as primeiras aprendizagens que propomos à criança incidem sobre a noção de igualdade e desigualdade, e o estudo do significado do termo tanto» (17).